

incentivado pelo governo Lula. (Leia mais na Folha)

FGV: crise financeira interrompe expansão da Classe AB e classe C continua a crescer

A crise financeira global interrompeu a expansão da classe AB no Brasil. A classe C, por sua vez, continuou a crescer, mas num ritmo menor. É o que mostrou Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas, que divulgou nesta quarta-feira a pesquisa "Microseguros e a Nova Classe Média".

- No período pré-crise, o que se tem é um crescimento da classe AB de 35%. Na classe C, 23%. No pós-crise, a boa notícia é que houve perdas iniciais que já foram recuperadas. A crise não afetou o bolso do brasileiro comum - disse Neri, acrescentando que, de 2003 a julho de 2009, 27 milhões de pessoas - meia França - passaram para as classes A, B e C no Brasil.

Neri acrescenta ainda que, antes da crise, em cada 100 pessoas, 18 saíam da classe AB num ano. Após a crise, esse número passou para 25.

Segundo Neri, as periferias das capitais sofreram menos com a crise. Isso porque, disse ele, essas regiões são menos conectadas a mercados externos.

- O verdadeiro Pelé contra a crise brasileira é a classe média, o poder de compra adquirido nos últimos anos. E as periferias aumentaram o poder de compra nos últimos anos. E o mercado interno gera atividade, que gera emprego e, mais uma vez, mercado interno. É o mercado interno que protege a economia brasileira, em especial as periferias - disse Neri.

Mercado de seguros -- De 2003 a 2009, com a incorporação de 27 milhões de pessoas nas classes A, B e C, o mercado de seguros cresceu, ao menos, 27%, em volume gastos pelas famílias. Com inovação financeira, esse avanço pode ter sido de até 44%. É o que disse Marcelo Neri, na pesquisa "Microseguros e a Nova Classe Média".

- O estudo mostra que o seguro é um serviço de luxo no país, já que só as pessoas de classe de renda mais alta têm seguro no Brasil, seja seguro de veículo saúde ou vida. Assim, o seguro fica concentrado em pequenos bolsões de riqueza. O que é uma distorção, pois o pobre é quem precisa mais de proteção - disse Neri, acrescentando que a metade mais pobre da população brasileira apresenta um risco de renda 15% maior do que o restante. Segundo dados da pesquisa, 16,79% da população acima de 15 anos têm acesso a seguro. Nas classes CDE, essa taxa cai para 10,78%. (Leia mais em O Globo)

POSTADO POR RICARDO PATAH - PRESIDENTE DA UGT ÀS 08:44 0

COMENTÁRIOS  [LINKS PARA ESTA POSTAGEM](#)

11/09/2009

Início

09/09/2009